



## ENSINO DE GEOGRAFIA EM DIÁLOGO COM O CINEMA

Jéssica Cardoso Martins <sup>1</sup>

Clézio dos Santos <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo visa estabelecer um diálogo entre cinema, educação e a geografia, analisando o papel que o cinema desempenha enquanto ferramenta capaz de proporcionar um aprendizado mais prazeroso, satisfatório e significativo para alunos e também professores na disciplina de geografia, contribuindo inclusive para o desenvolvimento e maximização da visão de mundo e do pensamento crítico dos estudantes. Desse modo, por meio de um levantamento bibliográfico de informações literárias disponíveis em livros, artigos e revistas científicas se destaca ao longo deste trabalho as contribuições de autores e autoras que se dedicaram a analisar a potencialidade do cinema frente ao processo educativo e ao ensino de geografia. Sendo assim, a pesquisa intuiu ressaltar ainda sobre o quanto a arte cinematográfica é geográfica e auxilia na melhor compreensão de temáticas ligadas à disciplina de geografia que, por vezes, são tidas como complexas e até mesmo abstrata para nossos educandos.

**Palavras-chave:** Cinema, Educação, Ensino de Geografia.

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo establecer un diálogo entre el cine, la educación y la geografía, analizando el papel que el cine tiene como herramienta capaz de proponer un aprendizaje más placentero, satisfactorio y significativo para los estudiantes y docentes de la disciplina de la geografía, contribuyendo también al desarrollo y maximización de la cosmovisión y el pensamiento crítico de los estudiantes. Así, a través de un levantamiento bibliográfico de información literaria disponible en libros, artículos y revistas científicas, se destacan a lo largo de este trabajo las contribuciones de autores que se dedicaron a analizar el potencial del cine en el proceso educativo y en la enseñanza de la geografía. La investigación también pretende enfatizar cómo el arte cinematográfico es geográfico y ayuda a comprender mejor cuestiones relacionadas con la disciplina de la geografía, que a veces son vistas como complejas y incluso abstractas para nuestros estudiantes.

**Palabras clave:** Cine, Educación, Enseñanza de la Geografía.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ; pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Geografia (GEPEG/CNPq); [jessicaacissej92@gmail.com](mailto:jessicaacissej92@gmail.com);

<sup>2</sup> Prof. Associado de Ensino de Geografia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO/UFRRJ); e Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia (GEPEG/CNPq); [cleziogeo@yahoo.com.br](mailto:cleziogeo@yahoo.com.br).



## INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma investigação em andamento intitulada, “o ensino de geografia em diálogo com o cinema: entre olhares e percepções docentes”, que resultará em uma dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGGEO/UFRRJ). Assim, para o desenvolvimento desse estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos e revistas com o objetivo de destacar, ainda que de forma inicial, as contribuições que o cinema e/ou os textos fílmicos podem oferecer para aprimorar e tornam mais aprazível e agradável o processo de aprendizagem da disciplina de geografia na educação básica.

Acreditamos que através dos filmes é possível transmitir conteúdos com leveza, sem o ímpeto impositivo do ensinar para se responder meramente. Os filmes, ao penetrarem as emoções e a capacidade de raciocínio dos indivíduos, são capazes de apresentar conteúdos pedagógicos de modo que o pensamento crítico e reflexivo se faça de maneira natural, a partir sobretudo do repertório que cada um traz em si e aciona ao se deparar com determinadas cenas e interpretações.

Partindo deste entendimento, o presente trabalho busca analisar a relação entre o cinema, a educação e o ensino de geografia na educação básica. Esta premissa basilar se sustenta no entendimento de que se faz necessário e imprescindível que os professores criem, juntamente com seus educandos, pedagogias de ensino que se contraponham à pedagogia hegemônica, isto é, aquela enraizada através do currículo, pois só assim horizontes expansivos do saber poderão surgir (ARROYO, 2012). Para tanto, esta investigação parte da seguinte questão problema: “de que maneira a arte cinematográfica, dentro do ambiente escolar de ensino, se converte em um mecanismo capaz de aprimorar o processo de aprendizagem? ”. A fim de responder esta questão norteadora, partimos do objetivo geral que pretende “analisar o papel que os filmes desempenham enquanto ferramenta capaz de proporcionar um aprendizado mais prazeroso, satisfatório e significativo para alunos e também professores na disciplina de geografia”.

Desse modo, para que haja a conformação e alcance deste objetivo norteador, traçamos os seguintes objetivos específicos: analisar a visão que a instituição escolar possui para com o cinema; identificar os atributos pedagógicos dos textos fílmicos, elucidar a relação e os limites que se pode estabelecer entre a disciplina geografia e o cinema.



Assim, ao propor o debate entre ensino de geografia e cinema, intuímos refletir a respeito de uma renovação pedagógica e didática em relação ao ensino da ciência geográfica, sobretudo, pelo fato de que “a velha geografia escolar, mnemônica e enciclopédica, não consegue atender às demandas impostas à formação das crianças e dos jovens que vivem no mundo diversificado, globalizado e complexo de hoje” (GUIMARÃES, 2017, p. 250). Mesmo porque “se o mundo muda, em consequência, muda também a geografia” (Ibid, 2012 p. 251).

Em outros termos, isto significa dizer que os docentes desta disciplina precisam estar atentos às transformações, adaptando-se e renovando a prática docente ao momento histórico e as novas relações estabelecidas no espaço geográfico. Assim, em razão do cinema fazer parte do cotidiano dos estudantes da educação básica, se entende aqui que analisar e promover o encontro da arte cinematográfica ao ensino de geografia se faz necessário, especialmente pelo fato de que este encontro poderá conduzir a melhor compreensão e sentido desta disciplina por parte de seus professores e alunos.

Ao que concerne especificamente o uso do cinema em sala de aula, se pode afirmar, tal como destaca Barbosa (1999, p.110), que “não se trata de criar mais uma ilusão pedagógica, prática bastante comum às burocracias do Ensino”, mas sim possibilitar novas modalidades de crítica à realidade, sem, no entanto, deixar de percebê-la a partir de um prisma mais suave e, quiçá, onírico. Tal como afirma o autor, a incorporação do cinema, no ambiente escolar,

vai ao encontro de caminhos possíveis (e não menos árduos) para fazer de nossas aulas um momento de crítica da realidade em que vivemos e, ao mesmo tempo, um lugar para sonhar com o mundo, e não sem o mundo, como é mais comum em nossas vidas tão marcadas pela desesperança (BARBOSA, 1999 p. 110).

A experiência adquirida ao assistir um filme contribui para a produção de saberes, crenças, identidade e visão de mundo. Portanto, os textos filmicos não devem ser utilizados no espaço escolar apenas para complementar os conteúdos programáticos, uma vez que o cinema possui sua importância didática e, se tratando da disciplina de geografia, o valor dos filmes é tão relevante quanto à utilização de outras ferramentas visuais como os mapas e cartas topográficas, por exemplo.

Sendo assim, a relevância deste trabalho reside no fato de se pensar na importância que o cinema possui na educação. Pois tal como destaca Bergala (2008, p.33), “se o encontro com o cinema como arte não ocorrer na escola, há muitas crianças para as quais ele corre o risco de não ocorrer em lugar nenhum”. Isto é, a presença do cinema no ambiente escolar pode se caracterizar como uma formidável ferramenta para a redução das desigualdades de acesso às artes de determinadas camadas sociais.



Desta forma, a fim de construir o diálogo entre a disciplina de geografia e o cinema, a estrutura deste artigo se divide primeiramente, numa breve contextualização da relação entre cinema e educação, destacando a visão do meio educacional para com a cinematografia, já ao final desse estudo se destaca as relações que podemos estabelecer entre a ciência geográfica e o cinema.

## **ELUCIDANDO A RELAÇÃO ENTRE A SÉTIMA ARTE, EDUCAÇÃO E ESCOLA**

A relação entre cinema e educação não se estabeleceu de maneira imediata ou subsequente a criação da sétima arte, pois sequer havia a previsão e certeza de que a cinematografia perduraria ao longo do tempo. Os criadores do cinema, tal como o conhecemos nos dias de hoje, não depositavam em suas crenças a esperança e expectativa de que ele pudesse se realizar enquanto espetáculo. Para os irmãos Lumière, “[...] o cinematógrafo não tinha o menor futuro como espetáculo, era um instrumento científico para reproduzir o movimento e só poderia servir para pesquisas. Mesmo que o público se divertisse com ele, seria uma novidade de vida breve, e logo cansaria” (SILVA, 2007 p.49).

Se aos finais do século XIX não existia a crença de que o cinema duraria ao passar dos anos, a interlocução entre o que se exibia em tela e o que se lecionava em sala de aula, não era sequer pensada como uma possibilidade pedagógica. Nos primórdios de sua criação, o cinema era classificado, pela elite europeia e norte-americana, como uma arte subalterna e de pouco valor, logo, por esta camada social, especialmente nas primeiras décadas do século XX, a cinematografia despertava a indiferença de seus olhares e opiniões (MOCELLIN, 2009).

[...] nas duas primeiras décadas do século XX houve certo desprezo pela nova “arte” por parte da elite intelectualizada europeia e norte-americana. O cinema, além de ser visto inicialmente como simples inovação técnica, estabeleceu-se como uma diversão popular daí o descaso do mundo acadêmico e intelectual (Ibid, 2009 p.9 grifo do autor).

Grosso modo e despropositadamente, ao alimentar o clássico entendimento de que o “popular” tem menos valor e o erudito representa opulência, o cinema se segmentou e caiu no gosto e aceitação popular. Ao se estabelecer assim, a arte cinematográfica conquistou adeptos em diversas partes do globo e sensibilizou os amantes da sua essência e técnica, despertando, deste modo, interesses em relação ao papel e influência do cinema para com a educação e formação civilizatória, ideológica e moral da população.

Tudo indica que o reconhecimento de que o cinema tem uma vocação intrinsecamente pedagógica, no que diz respeito à difusão cultural e à formação do espectador, teve origem no próprio meio cinematográfico, que, desde muito cedo, se acreditava capaz



de interferir, de algum modo, na educação das massas, fora dos bancos escolares. Não é de surpreender, portanto, que a idéia de fazer uso da produção cinematográfica para alavancar o processo civilizador e formar moralmente os povos tenha sido a base sobre a qual se estabeleceu, originalmente, a relação entre educação e cinema em vários países, incluindo o Brasil (ALEGRIA; DUARTE, 2008, p. 61).

Ainda que a relação entre cinema e educação tenha surgido em meio a diferentes interesses, entre os quais se destacam os políticos, não se pode menosprezar e ignorar o potencial que a cinematografia possui frente ao processo de ensino e aprendizagem dos indivíduos. Muito embora estes interesses políticos tenham se valido do cinema para transformá-lo num braço ideológico e moral do Estado, a arte cinematográfica, através de seus filmes, se revela como rica fonte de conhecimento e conteúdo que estão para além das doutrinações, autoritarismos e dogmas institucionais.

Apesar da incontestável aderência do cinema enquanto ferramenta educacional que, de maneira quase despreziosa, leva aprendizado ao espectador, ele ainda é pouco utilizado no ambiente escolar. Conforme destaca Silva (2007, p.49) “[...] mais de um século se passou e as possibilidades de uso de filme na escola ainda estão sendo subestimadas”. No Brasil, o audiovisual ainda é visto como mero complemento das atividades educacionais, sendo utilizado apenas como recurso secundário.

Em outros termos se pode apontar que o cinema, em nosso país, ainda não é visto como uma ferramenta que possibilita o conhecimento, sobretudo porque para muitos do meio educacional, o audiovisual, por não ter uma representação escrita, não estimularia a formação pedagógica dos indivíduos (DUARTE, 2009). Soma-se a isso o fato de que o cinema ainda é publicamente percebido enquanto mero mecanismo de diversão e entretenimento, o que, invariavelmente, escamoteia a sua percepção social enquanto arte que promove cultura, reflexões e críticas.

Contudo, através dos avanços tecnológicos, muitos professores e professoras lançaram mão, com maior frequência, dos filmes em sala de aula, mas ainda assim, existe uma grande dificuldade, por parte dos educadores, em se reconhecer o cinema enquanto arte e fonte de conhecimento. Em vias de fato, se verifica que os filmes, no espaço escolar, não são ignorados e não deixam de ser exibidos pelos educadores, a contradição da recusa a sua utilização, reside em não se destacar e reconhecer o valor e a importância dos recursos cinematográficos para a formação cultural e social dos educandos.

Em geral, as escolhas de filmes para serem trabalhados em aula, dificilmente se orientam por aquilo que se sabe sobre o cinema (DUARTE, 2009). Os filmes, quando utilizados,



são exibidos com o intuito de se complementar os conteúdos programáticos, não sendo entendidos como uma fonte segura de conhecimento e embasamento que possuem em si mesmos. Dos profissionais que fazem uso dos filmes em sala de aula, se pode inferir, de acordo com Napolitano (2018, p.15), que “uma das justificativas mais comuns para o uso do cinema na educação escolar é a ideia de que o filme ilustra e motiva alunos desinteressados e preguiçosos [...]”. Portanto, o cinema seria apropriado por seu caráter dinâmico e agradável, e não propriamente por seu potencial de propagação do conhecimento.

O espaço escolar e muitos do que compõe este meio educacional, ainda não compreendem que os filmes exibidos em tela são capazes de transmitir saberes, não sendo apenas os textos escritos ou a oralidade docente detentora deste atributo, o cinema é ferramenta pedagógica de fácil acesso às instituições de ensino que, por sua vez, desempenham importante papel na difusão e democratização da sétima arte no ambiente escolar, isto é, para os estudantes. Sobre a equação educação mais cinema, Fresquet (2017) nos lembra que,

quando a educação – tão velha quanto a humanidade mesma, ressecada e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alagar por elas, especialmente pela poética do cinema – jovem de pouco mais de cem anos - , renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons. Atravessada desse modo, ela se torna um pouco mais misteriosa, restaura as sensações, emoções, e algo da curiosidade de quem aprende e ensina. Com o cinema como parceiro, a educação se inspira, se sacode, provoca as práticas pedagógicas esquecidas da magia que significa aprender [...] (FRESQUET, 2017, p.19).

A presença do cinema no espaço escolar é capaz de proporcionar a professores e alunos uma forma de aprendizado mais dinâmica, suave e prazerosa, rompendo com as formas tradicionais de ensino, por vezes, fechada à liberdade de expressão dos sentimentos e imaginação dos estudantes. O cinema, em sua essência lúdica e criativa, cuja natureza de chegar ao seu espectador flui de maneira simples, promove, sem equívocos, a renovação das práticas pedagógicas no ambiente escolar e, individual ou coletivamente, “sacode” as práticas pedagógicas mais cristalizadas (FRESQUET, 2017).

Tendo em vista que o cinema apresenta a possibilidade de renovar práticas pedagógicas, sua presença no espaço escolar em diálogo com as disciplinas curriculares se faz necessário. E se tratando da disciplina de geografia, a arte cinematográfica poderá se transformar em um caminho para que os docentes dessa disciplina possam redimensionar e reorientar suas práticas pedagógicas.

Callai (2012, p.76) destaca que, “o mundo atual está mudado e se a educação escolar não for redimensionada, a defasagem se acentuará e dificultará o encontro de caminhos mais



adequados a aprendizagem [...]”. Com base nas diversas modificações vivenciadas por nossa sociedade, seja do ponto de vista cultural, econômico, tecnológico e político, é possível notar o quanto o processo de ensino-aprendizagem, ao se conectar com a realidade de nossos educandos, se torna mais significativo e prático em suas vidas.

Desse modo, por compreendermos a potencialidade do cinema para a maximização e renovação do processo de aprendizagem, o próximo tópico destaca a relação que podemos estabelecer entre a disciplina de geografia e o cinema.

### **PENSANDO A RELAÇÃO ENTRE A GEOGRAFIA ENQUANTO DISCIPLINA E O CINEMA**

Sob um olhar atento não é difícil perceber, por meio da exibição de diferentes películas fílmicas, a relação entre geografia e cinema/cinema e geografia. Não são poucos os filmes que possuem como enredo principal, ou mesmo como pano de fundo, a retratação de conflitos em territórios, guerras de poder, catástrofes naturais, fenômenos climáticos, etc., temas que, em sua essência, dialogam com os múltiplos objetos de estudo da geografia.

Embora esta imbricada interlocução seja clara aos olhos de quem ao cinema tem afeição, ela pode passar despercebida e parecer inusitada, quando à arte cinematográfica se atribui somente o papel de diversão e entretenimento. Todavia, se levada ao ambiente escolar, ela pode ser mais do que a mera projeção em tela, do que a simples trama romântica, do que o enigmático conto de ficção científica e muito além do que as aterrorizantes narrativas dos filmes de terror e suspense.

Conduzida à sala de aula, as exibições fílmicas podem despertar a vontade de aprender dos estudantes, capturar a atenção daqueles que não são atingidos pelas clássicas e enrijecidas práticas pedagógicas e assim levar o conhecimento da geografia, o pensamento reflexivo, crítico e autônomo por ela proporcionado, bem como a cultura e a arte para os que ali estão para absorver não apenas conteúdos curriculares.

Não é de hoje que o diálogo entre a geografia e o cinema tem se realizado através do trabalho de professores de geografia e geógrafos em sala de aula. As origens históricas que dão conta de registrar a utilização dos filmes nas aulas de geografia, remontam mais de um século desta prática. Segundo Fox (2005 *apud* FIORAVANTE; FERREIRA, 2016), o primeiro registro da utilização de filmes em uma aula de Geografia data de 1901. Ainda de acordo com Fioravante e Ferreira (2016), a arte cinematográfica, em sua gênese, já apresentava uma boa aceitação por parte dos geógrafos, para estes conforme destacam as autoras



Permaneceu a ideia de que filmes eram capazes de documentar informações puramente geográficas. Diferenciações entre lugares, dinâmicas sociais e naturais [...]. Logo, na sala de aula, o Cinema tornou-se mais dinâmico e interessante do que fotografias. [...]. O realismo dos documentários auxiliava os geógrafos a suprir a dificuldade de transportar os estudantes para locais que seriam dificilmente acessados ou mesmo inacessíveis (FIORAVANTE; FERREIRA, 2016, p.216).

O cinema, em função do movimento e realismo das imagens, bem como por apresentar os espaços e paisagens presentes no cotidiano dos indivíduos, despertou o olhar dos geógrafos que viram, nesta ferramenta de som, luz e imagem, um aliado para a melhor compreensão do espaço geográfico. A aproximação do cinema e da geografia se estabeleceu desde a criação da cinematografia, em especial porque para que houvesse a consolidação do cinema, o espaço, a paisagem e os lugares, conceitos basilares da ciência geográfica, deveriam, imprescindivelmente, estar presentes em quaisquer que fossem as narrativas fílmicas a serem construídas.

Além disso, o processo de criação do cinema trouxe à tona questões que permeiam as discussões geográficas, tais como o local onde surgem os primeiros cinemas e a qual parte da população se destinava. O cinema, em sua origem e não necessariamente nos enredos de suas narrativas, promoveram reflexões muito relevantes abordadas pela geografia, tais como a organização espacial, segregação espacial e a divisão entre classes sociais. No que se refere a este último quesito, não se pode perder de vista que, aos primeiros anos do seu surgimento, o cinema possuía como público espectador a população economicamente desfavorecida. Em vias de fato, a arte cinematográfica não se alçava à categoria de erudição artística, ao contrário, era vista sob a designação daquilo que é “popular”.

O público cinéfilo se modifica quando as salas de exibição dos filmes são transferidas para os locais mais nobres da cidade. Neste contexto havia a clara intenção de se atrair, como espectador alvo, os mais abastados, em detrimento do público que se tinha até então (SABADIN, 2018). No que concerne as tramas sociais de sua origem, o cinema teve e ainda têm junto a ciência geográfica, uma aliada, e a recíproca desta área científica é a mesma em relação à arte cinematográfica. Contudo, nota-se que a relação entre cinema, escola e a disciplina de geografia ainda são incipientes e até mesmo tímida.

Tal como destacam Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009), por mais que as imagens, estejam elas em movimento fílmico ou não, se façam presentes na vida cotidiana e domiciliar dos sujeitos, elas ainda precisam receber o trato do pensamento geográfico. Precisam ser afinadas ao olhar e aos sentidos reflexivos desta área.



As imagens estão a invadir nossas casas, [...]. Elas nos chegam por meio de fotografias nos jornais, com movimento nas propagandas de televisão e nos filmes, mas há necessidade de, geograficamente pensar, o sentido que tais representações têm para a formação cultural de professores e alunos. É estranho que as escolas não promovam uma alfabetização relacionada a imagens e sons, assim como existe uma alfabetização cartográfica, como forma de entendimento do mundo (PONTUSCHKA; PAGENELLI; CACETE, 2009 p.278-279).

Por estarmos inseridos numa sociedade global, nos quais as pessoas dispõem, em frações de segundos, de uma enorme gama de informações, disponibilizadas por meio de diversas tecnologias, como o próprio cinema e os demais recursos audiovisuais, o professor e a escola como um todo, possuem o importante papel de estarem sempre aprimorando e aperfeiçoando suas práticas pedagógicas. Pois deste modo permitirão que outros tipos de linguagem, como a linguagem cinematográfica, adentre os espaços escolares, proporcionando aos educandos novas formas de análise, articulação e reflexão do mundo.

Embora, em muitos casos, as ferramentas tecnológicas e as chamadas mídias sociais, entre as quais se destacam redes como *Facebook* e *Instagram*, sejam importantes instrumentos na atual sociedade da informação, por vezes, tê-las disponíveis a “um click”, torna ainda mais desafiador o trabalho de se manter o ambiente escolar enquanto um espaço agradável de interação. Em outros termos, isto significa dizer que os adventos tecnológicos estimulam um ambiente de competição entre os conteúdos apresentados pelos docentes e a miríade de informações que podem ser acessadas, em tempo real, nos *smartphones* dos alunos que os possuem.

Nesta conjuntura se reforça o valor das iniciativas que, através do cinema, propõe formas paralelas de ensino que tiram a responsabilidade e o desafio do professor ser o centro das atenções na sala de aula. A inter-relação “geografia e cinema, cinema e geografia” aponta para a possibilidade factível de se dinamizar o ambiente escolar, atualizando, a qualquer tempo, o processo de ensino-aprendizagem.

A geografia e o cinema possuem como característica comum, a apropriação do tempo e do espaço, sendo este último um dos conceitos-chave da ciência geográfica. Nas palavras de Geiger (2004, p.15 apud FARIAS, 2011 p.19), “as correspondências entre Geografia e Cinema são muito densas, ambas cobrindo temas do espaço [...]. O cinema é especificamente uma arte de representação, e a geografia trata especificamente de representar o espaço geográfico”.

Assim, quando nos debruçamos sob uma análise acerca da relação entre cinema e geografia, passamos a observar o quanto o cinema em si, é geográfico. Isto significa dizer que é no espaço, através da apreensão da paisagem por meio de imagens, que a arte cinematográfica



ganha vida e forma, construindo desse modo sua narrativa fílmica. Tal como aponta Gaudreault e Jost (2009):

Em uma narrativa fílmica, realmente, o espaço está, em quase todas as vezes, presente. Ele é, em quase todas as vezes representado. As informações narrativas relativas às coordenadas espaciais são, conseqüentemente, seja qual for o enquadramento privilegiado, fornecidas em abundância [...]. É efetivamente, muito difícil, no cinema, abstrair a ação de seu “quadro situacional”. Quer dizer: do quadro espacial no meio do qual se desenrola cada um dos eventos que constituem a trama da história (GAUDREULT; JOST, 2009, p.107-108).

O cinema se apropria da representação do tempo, das paisagens, de espaços distintos e distantes, por sua vez, em suas discussões e reflexões, a disciplina de geografia tem como foco as questões sociais, políticas, econômicas, culturais, naturais, entre outras questões que, ao se desenrolarem no espaço geográfico, podem ser perfeitamente reproduzidos nas películas fílmicas. O diálogo entre a arte cinematográfica e a ciência geográfica, seja no ambiente escolar público ou privado, se torna um campo fértil para a realização de uma práxis docente mais interativa e didática na disciplina de geografia. Conforme destacam Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009):

A linguagem do cinema é uma produção cultural que pode ser utilizada em sala de aula a fim de abrir cada vez mais horizontes intelectuais para a análise do mundo, necessária à formação da criança e do jovem. Para tanto, os professores precisam conhecer minimamente essa linguagem, que é muito rica porque integra imagens em movimento: a expressão oral e corporal, a cor, e tudo temperado pelas trilhas musicais. A linguagem cinematográfica é, com efeito, a integração de múltiplas linguagens (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 279).

Embora o cinema seja a junção de múltiplas linguagens e tenha sido apropriado, cada vez mais, como instrumento pedagógico nas aulas de geografia, muitos docentes ainda o percebe como uma medida paliativa para cobrir a ausência de um professor ou como mera ferramenta de imagem que visa apenas a “constatação daquilo de que se fala ou do que está expresso na linguagem escrita” (Ibid, 2009, p. 279).

Sendo assim, torna-se se suma importância pontuar que a exibição de um filme, no espaço escolar, prescinde uma análise detalhada da obra cinematográfica que se pretende trabalhar, demanda a reflexão acerca das variáveis etárias, sociais, cognitivas do público para o qual se destina, bem como a reflexão em torno dos objetivos que se pretende alcançar por meio da exibição de determinada obra.

Assim, quando a escola reconhece o valor que o cinema possui para o ensino, seja da disciplina de geografia, ou de qualquer outra área, a presença do cinema no espaço escolar, através da exibição ou mesmo produção de filmes, poderá se transformar num notável aliado do processo de ensino-aprendizagem.



Conforme elucidada Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009, p. 280-281), para os licenciados e bacharéis em geografia, “[...] o filme tem importância porque pode servir de mediação para o desenvolvimento das noções de tempo e de espaço na abordagem dos problemas sociais, econômicos e políticos”. Ademais, tal como seguem destacando as autoras, até mesmo “[...] os filmes comerciais podem trazer elementos para a reflexão pedagógica, permitindo ao professor – em nosso caso, o de geografia- realizar uma análise crítica do filme como arte e como linguagem rica de conteúdos que, embora sejam ficcionais, podem ter-se espelhado em fatos reais ou na vasta literatura disponível (Ibid, 2009 p. 280-281).

A incorporação dos filmes aos currículos da educação básica, proporciona, a alunos e professores, um encontro “outro” com a arte cinematográfica, a partir dela se aguça o pensamento crítico em relação ao mundo e ao próprio cinema. A assimilação do cinema enquanto ferramenta indissociável do processo de ensino-aprendizagem de quaisquer cadeiras acadêmicas, contribui, ainda, para a ruptura de estigmas e paradigmas que, em sua essência, menosprezam a utilização de filmes em sala de aula e, portanto, chancelam esta prática como mecanismo menor de formação discente.

Se a apropriação do cinema se torna uma prática habitual no ambiente escolar, através da exibição de películas cujos enredos se articulam com conteúdos curriculares e demais vertentes de formação intelectual humana dos alunos, se cria aí a possibilidade de escamotear a ideia do senso comum de que “se há exibição de filmes em classe, não há aula”, pois, os filmes são e serão em si a própria aula e não plataforma subalterna de trabalho docente de formação pedagógica.

Elucidando o poder da sétima arte frente ao processo de ensino-aprendizado dos estudantes na disciplina de geografia, Farias (2011) nos faz lembrar que

A singularização efetuada pelos meios audiovisuais, facilita a identificação do aluno com a questão apresentada, oferecendo a este uma visão mais aproximada, já que existe uma dificuldade de identificação quando os referenciais são mapas e/ou estatísticas. É mais fácil colocar-se no corpo do personagem do filme, pois ele é mais próximo da realidade em relação ao modelo generalizador das aulas. O que não deve levar, obviamente, à anulação dos dados científicos, como estatísticas e mapas, mas sim buscar na adição destes elementos um enriquecimento da prática pedagógica (FARIAS, 2011, p.143).

Com base na afirmação de Farias (2011), notamos que pelo fato dos filmes fazerem parte do cotidiano e da vivência dos educandos, a afinidade destes discentes com o recurso cinematográfico é expressiva. Sobretudo, quando comparada a dados estatísticos ou até mesmo aos mapas. Como Farias (2011) ressalta é muito mais fácil “colocar-se no corpo de um



personagem” para compreender uma determinada questão do que, por exemplo, analisar dados estatísticos de uma determinada população. Logo, a linguagem cinematográfica em diálogo com a geografia, poderá proporcionar, aos estudantes, uma facilitação na apreensão e entendimento dos conteúdos abordados na disciplina.

A identificação e captura dos modos de se manifestar no mundo, do *habitus* e da condição sócio-espacial dos discentes, tende a contribuir na assertividade da escolha dos filmes que poderão ser exibidos em aula. Isto significa dizer que a aproximação da escola com a realidade dos alunos, somada à adequada exibição de filmes que se assemelham às vivências cotidianas dos discentes, tende a promoção do sentimento de pertença que, potencialmente, prenderá mais a atenção do espectador, no caso o aluno, permitindo assim a sua percepção e presença no mundo que o rodeia.

Na disciplina de geografia há um vasto campo de temáticas que dialogam com a vida diária dos estudantes, entre as quais se pode citar as discussões travadas em torno da ausência de infraestrutura urbana nas grandes cidades, a oposição entre centro e periferia, a desigualdade social e a escalada da violência urbana, entre outros, isto é, assuntos não faltam para que haja aproximação com a realidade dos educandos. Neste sentido, cabe questionar: Por que não exibir filmes nos quais mazelas sociais de nosso país sejam representadas? Será que as imagens em movimento com este conteúdo não seriam mais representativas para a assimilação dos alunos, tendo em vista que as mesmas se aproximam da realidade e cotidiano deles?

Assim, pelo fato do cinema contribuir significativamente para a aquisição de conhecimento, sua utilização no espaço escolar e, mais especificamente, na disciplina de geografia, torna-se imprescindível. O que se observa é que, na prática, a cinematografia pode se manifestar como importante ferramenta de emancipação do pensamento crítico e cultural de professores e alunos.

Segundo Farias (2011, p.32) “o cinema, portanto, retira a arte de seu status de raridade, democratizando-a ao torná-la um fenômeno de massas”, logo, a arte cinematográfica, desde a sua criação no século XIX, até os dias de hoje, tem possibilitado e democratizado o acesso cultural à “arte visual” das diversas classes que compõe nossa sociedade. O cinema neste sentido “estaria ampliando nossa visão do mundo ao retratar não apenas o espaço familiar/próximo [...], mas estaria a permitir também viagens a locais distanciados [...]” (FARIAS, 2011, p.33).

Por meio do cinema temos a possibilidade de realizar um “teletransporte” espacial, para



espaços distintos e distantes, o cinema, por meio de suas películas cinematográficas e/ou de seus filmes, “permite tornar presente, em um espaço ocupado por uma assembleia de espectadores, um espaço de outra maneira ausente” (GAUDREAU; JOST, 2009 p. 110). A presença, no espaço escolar, dos filmes, sejam estes nacionais ou internacionais, em diálogo com a disciplina de geografia proporcionará a professores e alunos a possibilidade de viajar a lugares diferentes de sua realidade, aproximando-os de espaços, paisagens e culturas geograficamente distantes.

Desse modo, pensar no encontro entre cinema e geografia nos espaços escolares, nos faz refletir em torno da importância de uma educação geográfica que supere o exercício da memorização, ainda tão tradicional e presente em nossas escolas. Conforme destaca Castellar (2005 apud CALLAI, 2012, p. 48-49)

Ensinar Geografia é mais do que “passar conteúdos desconectados”, é articular o conhecimento geográfico na dimensão do físico e do humano, superando as dicotomias [...]. É tornar a geografia escolar significativa com a finalidade de compreender e relacionar os fenômenos estudados.

Por fazer parte do cotidiano de nossos estudantes, o cinema se apresenta como um valioso parceiro da geografia, e pode inclusive contribuir para o rompimento de um ensino enciclopédico e tradicional. Segundo Pinto (2018),

Ao utilizar a imagem estática ou em movimento como recurso didático, o docente está a estimular as capacidades dos seus alunos, uma vez que propõe não só a visualização do filme, mas também a sua análise e reflexão sobre o conteúdo. Neste sentido, no que diz respeito à disciplina de geografia, pode-se afirmar que o filme é um instrumento precioso na reflexão em torno das problemáticas geográficas, bem como na formação de cidadãos geograficamente competentes (PINTO, 2018, p.57).

Nesta conjuntura se reforça o valor das iniciativas que, através do cinema, propõe formas paralelas de ensino. A inter-relação “geografia e cinema, cinema e geografia” aponta para a possibilidade factível de se dinamizar o ambiente escolar, atualizando, o processo de ensino-aprendizagem. Por este motivo que este artigo defende a inserção e permanência do cinema, em nossos espaços escolares, seja na educação básica pública ou privada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve por objetivo destacar que o cinema não se resume apenas ao ato de ver filmes, mas sim, como é possível aprender com as narrativas fílmicas. Podemos notar que, mesmo sendo tímida a relação entre cinema, educação e a disciplina de geografia, é possível estabelecer um diálogo produtivo, profícuo e enriquecedor entre estas áreas.

Além disso, foi pontuado que, com o processo de evolução tecnológica e de globalização, é inegável que o audiovisual, especificamente o cinema e/ou os filmes estão presentes no cotidiano de nossos educandos e de nós professores. Por este motivo torna-se de



fundamental importância que, enquanto docentes, possamos nos familiarizar com a linguagem cinematográfica, para que a utilização dos textos fílmicos, em sala de aula, não ocorra de forma equivocada, apenas para tapar buracos na falta de um professor, ou como uma mera ferramenta de ilustração de um determinado conteúdo.

Vimos que o cinema, ao estar presente na sala de aula, permite aos professores e estudantes da disciplina de geografia se “transportar” para paisagens, lugares e espaços distantes e distintos de seu cotidiano. Este fator reforça ainda mais que os professores, ao proporem uma reflexão, em sala, a respeito de um determinado texto fílmico, deverão pensar nos motivos que os levaram a escolha desta película e a quais alunos ela se destina.

A construção da narrativa fílmica pode se somar à disciplina de geografia e contribuir para a melhor assimilação de conteúdos tidos como complexos, abstratos e até mesmo difíceis para nossos educandos. A análise de um mapa e seus símbolos, conflitos sociais, o processo de globalização entre outros temas, podem ser apropriados de maneira mais tranquila, aprazível e inteligível a partir dos filmes. Esta compreensão se reforça, pois, para os estudantes se colocar e se projetar no corpo de um personagem e no espaço fílmico, facilita sua compreensão em torno do que está sendo reproduzido. Esta inteiração se torna muito mais frutífera do que se restringir apenas às teorias e dados de uma determinada temática.

Portanto, no desenvolvimento desta pesquisa se destacou ainda que, de forma inicial, os diálogos possíveis entre o cinema, a educação e a disciplina de geografia, ressaltando o quanto este diálogo é enriquecedor frente ao processo de aprendizagem.

Assim, tendo como foco o ensino de geografia notamos que os textos fílmicos contribuem para a melhor compreensão das relações que se desdobram no espaço e nos possibilitam a melhor assimilação dos diversos quadros situacionais vivenciados por nossa sociedade. E ainda que, o diálogo entre a geografia e o cinema possa ser tímido, notamos ao longo deste estudo a relevância da cinematografia e de sua aproximação com a disciplina de geografia para a maximização do ensino e aprendizado de nossos educandos na educação básica.



## REFERÊNCIAS

ALEGRIA, João; DUARTE, Rosália. **Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação.** Educação & Realidade, vol. 33, núm. 1, Jan-Jun, 2008, pp. 59-79.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BARBOSA, Jorge Luís et al. **A geografia na sala de aula.** 9.ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema.** Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink - CINEAD- LISE-FE/UFRJ, 2008.

CALLAI, Helena Copetti. **Educação Geográfica: ensinar e aprender Geografia.** In: CASTELLAR, Sonia; MUNHOZ, Gislaine B. Conhecimentos escolares e Caminhos metodológicos. São Paulo: Xamã, 2012.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 104 p.

FARIAS, Charlan Kreutzfeld. **Espaço Geográfico e Cinema: as representações da África no espaço norte-americano e africano.** Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2011. 310 p.

FIORAVANTE, Karina Eugenia; FERREIRA, Lohanne Fernanda Gonçalves. **ENSINO DE GEOGRAFIA E CINEMA: perspectivas teóricas, metodológicas e temáticas.** Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 6, n. 12, p. 209-233, jul./dez., 2016.

FRESQUET, Adriana. Cinema e educação – Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.

GAUDREAU, André Jost François. **A narrativa cinematográfica.** Brasília, Editora UNB, 2009.

GUIMARÃES, Iara Vieira. **O Papel Formativo da Geografia no Ensino Fundamental.** In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro et al. Ensino fundamental: Da LDB à BNCC. São Paulo: Papirus Editora, 2018. 272 p.

MOCELLIN, Renato. **História e Cinema: Educação para as Mídias.** São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. 5. ed; 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. 251 p.

PINTO, Carla Sofia Vieira. **Cinema e Educação: uma nova abordagem no ensino da geografia.** Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2018.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

**GEOGRAFIA**

5ª EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

PONTUSCHKA, Nídia N.; PAGANELLI, Tomoko I.; CACETE, Núria H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e educação**. São Paulo: Cortez, 2007.